



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

BIANCA DUARTE DIAS

**REFLEXÕES SOBRE A COVID-19 NOS DISCURSOS DE JAIR BOLSONARO E
AS RELAÇÕES DE PODER NO BRASIL (2020)**

**GUARABIRA
2021**

BIANCA DUARTE DIAS

**REFLEXÕES SOBRE A COVID-19 NOS DISCURSOS DE JAIR BOLSONARO E
AS RELAÇÕES DE PODER NO BRASIL (2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História e Relações de Poder.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D541r Dias, Bianca Duarte.
Reflexões sobre a Covid-19 nos discursos de Jair Bolsonaro e as Relações de Poder no Brasil (2020) [manuscrito] / Bianca Duarte Dias. - 2021.
20 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima , Departamento de História - CH."

1. Covid-. 2. Relações de Poder. 3. Jair Bolsonaro. I. Título
21. ed. CDD 320

BIANCA DUARTE DIAS

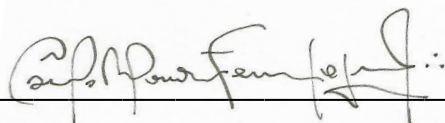
**REFLEXÕES SOBRE A COVID-19 NOS DISCURSOS DE JAIR BOLSONARO E
AS RELAÇÕES DE PODER NO BRASIL (2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História e Relações de poder.

Aprovada em: 07/06/2021.

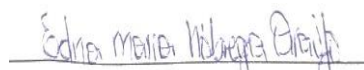
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Para todos que, durante essa pandemia,
perdeu familiares, amigos e até amores,
DEDICO.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro	16
Figura 2 –	Lançamento da retomada do turismo	18

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CQ	Cloroquina
HCQ	Hidroxicloroquina
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	DO PODER SOBERANO AO ESTADO DE EXCEÇÃO.....	11
3	PANDEMÔNIO BRASILEIRO	12
3.1	Um delirante nostálgico	12
4	DISCURSOS AUSTERIOS	13
4.1	Cloroquina e Hidroxicloroquina.....	17
5	CONCLUSÃO.....	18
	REFERÊNCIAS.....	18

REFLEXÕES SOBRE A COVID-19 NOS DISCURSOS DE JAIR BOLSONARO E AS RELAÇÕES DE PODER NO BRASIL (2020)

REFLECTIONS ON COVID-19 IN JAIR BOLSONARO'S SPEECHES AND POWER RELATIONS IN BRAZIL (2020)

Bianca Duarte Dias¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo a discussão a respeito dos pronunciamentos do Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Bolsonaro. O *corpus* é constituído por três pronunciamentos realizados no ano de 2020, e reportagens com declarações do presidente publicadas em sites de mídias e revistas eletrônicas do mesmo ano, que tenham em seu argumento respostas, questionamentos e proposições para a nação acerca de uma política do viver em tempos de pandemia da COVID-19. Para a reflexão crítica e análise os principais expoentes discursos dos filósofos Agamben (2004), Foucault (2005) e Han (2018), que analisam assuntos relacionados ao desenvolvimento do poder nas organizações, instituições e estados-nações do Ocidente. A metodologia usada nesse artigo é do tipo explicativa e exploratória, por meio de uma abordagem qualitativa. Para a complementação do artigo, foram utilizados outros referenciais teóricos como Tiburi (2019), Birman (2020), Applebaum (2021), dentre outros que se fizeram parte desse estudo.

Palavras-chave: Covid-19. Relações de poder. Jair Bolsonaro.

ABSTRACT

This article aims to discuss the pronouncements of the President of the Federative Republic of Brazil, Jair Bolsonaro. The corpus consists of three pronouncements made in 2020, and reports with statements by the president published on media sites and electronic magazines of the same year, which have in their argument answers, questions and propositions for the nation about a policy of living in times of the COVID-19 pandemic. For critical reflection and analysis, the main exponents of the speeches of philosophers Agamben (2004), Foucault (2005) and Han (2018), who analyze issues related to the development of power in organizations, institutions and nation-states in the West. The methodology used in this article is explanatory and exploratory, using a qualitative approach. To complement the article, other theoretical references were used, such as Tiburi (2019), Birman (2020), Applebaum (2021), among others that were part of this study.

Keywords: Covid-19. Power relations. Jair Bolsonaro.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – bianca.duartediass@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou pandemia mundial, causada pelo novo coronavírus. O vírus da Sars-Cov2 (Síndrome respiratória aguda grave por coronavírus 2). A infecção por ele é denominada de Covid-19. Seus principais sintomas são semelhantes aos de resfriado; tosse, febre, cansaço, e coriza, podendo resultar até em síndromes respiratórias agudas severas. Os primeiros casos foram identificados em dezembro de 2019, na China, na cidade de Wuhan, província de Hubei, região central do país e, de forma rápida o vírus se espalhou para todo o mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS), desde de Janeiro de 2020, estava publicando orientações técnicas sobre o novo coronavírus. Como encontrar e testar casos, fornecer cuidados seguros e adequados para as pessoas, dependendo da gravidade do seu estado, rastrear e colocar em isolamento, tal como para controlar tanto as transmissões de uma pessoa a outra, como proteger toda uma população (OMS, 2021).

No entanto, seguindo de forma divergente a outras autoridades representantes de nações as diretrizes da própria Organização Mundial da Saúde, o Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro eleito em 2018 pelo Partido Social Liberal (PSL) ao qual se desvincula em novembro de 2019 e, até a última versão deste trabalho em junho de 2021, continuava sem partido. Adotou medidas controversas para o controle da disseminação do vírus no Brasil. Reforçado pelas falas autoritárias, discursos que negam e minimizam a ciência e a pandemia.

Nesta situação caótica que se instaurou no país, abriu-se um espaço sobre discussões acerca das relações de poder, em um contexto pandêmico. Foucault (2005), ao estudar as novas formas de tecnologias do poder que se desenvolveram ao longo da história, observa a mudança do poder soberano que predominou até o fim do século XVII, para outras duas formas de poder, o disciplinar e o biopoder. Neste caso, passa-se de um direito de morte para um direito á vida.

Partindo dessa concepção do biopoder, o filósofo Giorgio Agamben, faz uma releitura do conceito foucaultiano acerca dessa biopolítica. Agamben, aponta como a vida vai sendo incluída nos cálculos do poder do Estado, tendo como uma abordagem central a relação estabelecida entre o poder soberano e a vida nua (vida que não merece ser vivida). Uma relação de captura que se funda em exceção.

Desse modo, o presente trabalho tem como tema central as relações de poder e a pandemia no Brasil. A vista disso, esse estudo tem como objetivo analisar três pronunciamentos do Presidente Bolsonaro, em 2020. Os dois foram realizados no mês de março de 2020, dia 24 e 29, no qual o presidente fez declarações depreciando a pandemia, fomentando o não isolamento social e influenciando o uso de medicamentos não eficazes. E o ultimo no dia 10 de novembro de 2020, em que o presidente voltou a manifestar o não isolamento social. Posto isso, tem-se o seguinte problema: estaria o Governo federal no papel do Presidente, fazendo valer o poder de “fazer viver e de deixar morrer?” (Foucault, 1976, p. 287).

A principal motivação para o trabalho, reside na importância para a sociedade no atual cenário, onde se possa fazer reflexões diante dos acontecimentos que envolvem os discursos do Presidente Bolsonaro sobre a Covid-19.

Para esta pesquisa conta-se com básica teórica, os filósofos Foucault (1976), Agamben (2004), Han (2018) dentre outros autores que favoreceram a pesquisa; Sites e revistas digitais de matérias publicadas no ano de 2020, também estiveram no presente estudo.

2 DO PODER SOBERANO AO ESTADO DE EXCEÇÃO

As relações de poder que atuam sobre os indivíduos partem de uma perspectiva da individualização para a ideia de massificação de um corpo social, ou seja, na constituição de um biopoder – um exercício do poder de garantia de melhores condições e estado de bem-estar social - provindo de processos, que envolvem a multiplicidade dos homens como um ser pertencente a uma massa global. Segundo Foucault (2005), diferente da perspectiva da individualização, melhor dizendo, técnica disciplinar, o biopoder se dirige não ao homem-corpo, mas ao homem ser vivo.

De acordo com a abordagem de Foucault, em seu livro *Em defesa da sociedade* especificamente na *Aula de 17 de março de 1976*, o poder soberano sobre os súditos enquanto ser vivo consiste em uma espécie de socialização do biológico. Sendo assim, esse poder é sobre o “de fazer morrer ou de deixar viver” (Foucault, 1976, p. 287), em que a vida dos súditos é de total posse do soberano, pois o soberano detinha a ordem sobre quem teria o direito de estar vivo ou morto. Esse exercício de poder vai vigorar nas sociedades pré-capitalistas, ou seja, é um poder que vai estar entre os governos absolutistas, que vai do século XVI até XVIII e governos imperialistas a partir do século XIX.

Ao contrário do poder soberano, que dispõe do poder da vida e da morte do indivíduo, há outras duas formas de poder analisadas então por Foucault, que são, disciplinar e biopolítica. O poder de morte tornou-se agora “complemento de um poder que se exerce positivamente sobre a vida” (Foucault, 2012, p.129). Essas duas técnicas de poder, não se excluem, são ligadas por um feixe de relações.

Segundo Han (2018), esse poder não é um poder da morte, mas sim acaba-se tornando um poder da vida. Com o avanço da industrialização, as instituições começaram a moldar os indivíduos de acordo com as necessidades sociais. Ainda para o autor, o poder disciplinar, insere num sistema de normas, o corpo passa por uma automação dos hábitos e a transformação do corpo em uma máquina de produção. Isto é, o poder disciplinar que acaba a individualizar o corpo e é componente do poder soberano para adestrar o sujeito, absorve a força útil dos indivíduos, assim como punir – o fazer morrer – em outras finalidades.

A biopolítica centra-se no coletivo. Ou nas palavras do autor “a biopolítica lida com a população e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, e como problema biológico e como problema de poder [...] (FOUCAULT, 1976, p. 293). Melhor dizendo, é no desenvolvimento acelerado do poder disciplinar, que a biopolítica se ocupa dele. As taxas de natalidade, e mortalidade, a qualidade de vida, a taxa de reprodução a fecundidade, a sujeição dos corpos e o controle das populações, se tornam objetos controlados.

Diante dessas considerações sobre essas tecnologias do poder, podemos dizer, que há, primeiro, a tomada de poder sobre o corpo individual e, depois, sobre o corpo massificante. Assim é constituído o biopoder, isto é, o poder sobre a vida, o “de fazer viver ou de deixar morrer”.

Partindo dessa reflexão, o filósofo Giorgio Agamben, propôs um novo conceito, o Estado de exceção. O estado de exceção é um mecanismo constitucional de defesa da democracia. Exemplificando, caso haja uma ameaça externa, os direitos e garantias individuais seriam suspensas para que essa ameaça fosse contida, e assim a democracia restabelecida. Entretanto, Agamben compreendeu que, se essa ameaça fosse difundida, difícil de identificar, o expediente da exceção pode se torna permanente. A exceção como suspensão do direito, provoca uma dupla distorção do

poder. Para Ruiz (2020), a exceção aumenta o poder da autoridade constituída, que ao suspender os direitos, de imediato transfere para si um poder excepcional de governar por vontade soberana com decretos, que não precisam de instancias democráticas protocolares.

A partir dessas abordagens, desses filósofos, entendemos que a noção do biopoder é constituída num contexto bastante específico na organização de uma sociedade. Destacamos também que essas tecnologias do poder, que regulam a vida, organiza os saberes e as políticas específicas de cada contexto, e dessa forma, estabelecem uma rede de produções de subjetividade.

3 O PANDEMONIO BRASILEIRO

O Governo do Presidente Jair Messias Bolsonaro (sem partido), tem adotado posturas questionáveis a respeito da pandemia da COVID-19. Falas como “eu não sou coqueiro” (UOL, 2020); “todos nós vamos morrer um dia” (CBN, 2020); “e daí? lamento, quer que eu faça o que?” (CARTA CAPITAL, 2020); e entre outras, foram de grande repercussão, deixando muitos expectadores espantados diante de tal indiferença. No momento em que o país precisou de sua liderança, ele se opõe ao contrário, dedicou-se meticulosamente a incentivar o não isolamento por um negacionismo passivo, e lutando ativamente contra as medidas sanitárias.

[...] o presidente Jair Bolsonaro continuou a transgredir as proibições sanitárias de modo recorrente e provocativo, indo às ruas sem máscaras de proteção, abraçando, beijando e cumprimentando pessoas [...] (BIRMAN, 2020, p. 118).

Com todas as atitudes do presidente, seus apoiadores começaram a agir – sem pensar - de formas contrárias, conforme suas interpretações do que é certo e errado, e com essa atitude mostrando como, um discurso pode interferir no comportamento de todo um corpo social. Em concordância com Tiburi (2018), corpos foram atravessados por instituições muitas vezes, e é difícil encontrar um momento em que elas se livrem do poder político e entrem completamente em uma relação pura em que os discursos ainda não tenham encontrado um jogo de poder. Isso é o que acontece quando os sistemas de poder acabam nos tirando a liberdade de pensar, de agir e etc.

Diante desses desafios, o governo Federal não tem demonstrado um bom controle sobre a disseminação em relação ao coronavírus. Longe disso, o governo tem agido de maneira inconstante diante da crise sanitária. São muitos os fatores que levaram ao país chegar ao colapso que se encontra, mas o principal foi, de fato, o descompromisso com a ciência e com a saúde pública. Enquanto permanece no poder, o presidente torna-se exemplo a partir de seus atos de como não ser enquanto um representante de uma nação. O Brasil de fato está enfrentando duas pandemias, a do coronavírus e a do presidente Bolsonaro, que deturpar a cada dia mais o país.

3.1 um nostálgico delirante

Anne Applebaum, em seu livro *O crepúsculo da democracia* (2021) traz o conceito de Svetlana Boym sobre nostalgia, que segundo a autora, existem dois conceitos. Primeiro se tem o nostálgico reflexivo que “sentem falta do passado e

sonham com ele. Alguns estudam e mesmo se enlutam pelo passado, especialmente seu passado pessoal. Mas não querem realmente seu retorno”, e os nostálgicos restauradores, que “não querem contemplar o passado ou aprender com ele. Querem, como diz Boym, “reconstruir o lar perdido e remendar os furos na memória” (APPLEBAUM, 2021, p. 65). Ou seja, eles apenas querem uma versão ridícula, ou grotesca da história para viver nela hoje.

Nostálgicos restauradores sempre detêm de um poder, diferente dos reflexivos, os restauradores conseguem seus objetivos por meio de uma linguagem delirante. Então a cada fala dita, mesmo que desconexa ou até mesmo uma notícia falsa, temos uma linguagem de poder, que rodeia e faz com que isso se transforme em uma verdade que perdura por um tempo, até que isso se torne em um *looping* que se acaba custando a se desfazer.

Compreende-se que, um chefe executivo em sua fala carrega um poder, que queira ou não, acaba afetando todo um país, seja de maneira positiva ou negativa. Mas, quando essa fala, acaba-se sendo de uma maneira que vai de contra todo o âmbito constitucional, temos não só uma força de linguagem, como também de um delírio, como atos e falas do atual presidente.

O Presidente Bolsonaro, nos seus discursos, detém dessa forma de poder. Desde suas campanhas eleitorais (2018) alavancadas pelo uso de *fake news*², em que usou de redes sociais digitais, como o *Twitter*, *WhatsApp* e *Facebook*, ele se tem prendido a esse exercício, que consiste em espalhar notícias que não condizem com a realidade, e defender um passado sombrio na história do Brasil³. Na pandemia do coronavírus ele traz novamente esses discursos, contudo são discursos que negam a realidade. Na política brasileira sempre houve exemplos de teatros dos absurdos, mas nunca houve um presidente com essa tamanha insânia política, que não é de compromisso com o “dever” político.

Segundo Tiburi (2019), políticas que são compromissadas, sejam nas leis ou atitudes e respeitam uma constituição, essas tendem a não se resultar em nada, enquanto uma política montada no delírio, em que não se pode despertar toda a população, essa continua a evoluir. Isto é, vamos ter governantes com um total poder consolidado - assim como o presidente brasileiro - que vão frequentemente edificar políticas na base de inverdades e desinformação.

4 DISCURSOS AUSTEROS

Foucault em *A ordem do Discurso* (1970), procura nos mostrar que os discursos que transformaram a sociedade são controlados, perpassados por formas de poder e repressão. Na maneira em que os discursos acontecem, o poder se revela. Diz também que ao analisar o discurso, pode-se descobrir os interesses que está por trás.

Em toda a sociedade a reprodução do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 20021. p. 08 e 09).

² São notícias publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de escrito, em sua maior parte, é feito por e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo.

³ Disponível em: <https://brasilianismo.blogosfera.uol.com.br/2018/07/31/em-entrevista-a-radio-dos-eua-bolsonaro-defende-a-ditadura-militar/> acesso em 25/05/2021

Partindo dessa perspectiva, tem-se os pronunciamentos do Presidente Jair Bolsonaro, em que, frente a pandemia da covid-19, mostrou-se um político indiferente a tal situação.

Podemos citar para confirmar nosso argumento, como exemplo o dia 24 de março de 2020, quando o presidente fez um pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão, em que criticou o isolamento social, e as iniciativas das autoridades de Estados e Municípios frente a pandemia do novo coronavírus, incentivando a “volta à normalidade”⁴, chegando até a utilizar o termo “gripezinha” e “resfriadinho” para-se atribuir a covid-19. Segue o trecho do seu pronunciamento, conforme figura 1.

[...] caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito acometido de uma gripezinha ou resfriadinho [...] (BOLSONARO, 2020, pronunciamento em rede nacional, grifo meu).

No citado pronunciamento (figura 1) provocou discordâncias por uma boa parte da população, por diversos motivos: Primeiro nega a gravidade do vírus, influencia a população a continuar trabalhar mediante a pandemia, pondo-a em risco de contaminação e persuadir o não isolamento.

Han (2019), afirma que os que detém do poder, determinam primeiro o sentido de cada palavra-poder, ao qual eles observam “o para onde?” e “para quê?” das coisas. Com isso eles acabam gerando uma “continuidade de sentido, a partir da qual as coisas são interpretadas” (p.55). Ou seja, cada fala é pensada e direcionada a um público alvo, mesmo que haja desavenças com a maioria.

Fica perceptível que o presidente foi de desencontro com as recomendações sanitárias. Em concordância com Foucault (1999), por mais que o discurso seja aparentemente limitado, as mediações que o atingem, acaba a revelar, de imediato, sua ligação com o desejo e com o poder.

Figura 1 – Captura de tela de vídeo “pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020)”.



Fonte: Youtube, (2020)

Conforme Birman (2020), o governo federal foi em desencontro com os protocolos da Organização Mundial da Saúde (OMS). Enquanto a organização tinha

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/24/veja-repercussao-ao-pronunciamento-de-bolsonaro-em-que-ele-pediu-volta-a-normalidade-fim-do-confinamento-e-disse-que-meios-de-comunicacao-espalharam-pavor.ghtml> acesso em: 14/05/2021

em prioridade o isolamento social, o governo brasileiro, seguia uma linha totalmente oposta, voltada para o isolamento social “vertical”, isto é, fazer o isolamento de pessoas de grupo de riscos (idosos, pessoas com doenças respiratórias, Hipertensos, Diabéticos e etc.), e “liberar todos os demais ao retorno das atividades produtivas e restabelecendo, então, as práticas econômicas plenas” p.117.

[...] a preocupação política primordial do presidente Bolsonaro era com a manutenção das atividades econômicas, que foram afetadas radicalmente pela política sanitária do “isolamento físico e social horizontal”. Desprezou qualquer preocupação com o imperativo da vida e do reconhecimento aos pressupostos do discurso da ciência. (BIRMAN, 2020. p. 122).

A tese então adotada pelo presidente foi que, a suspensão das atividades econômicas, como indústrias e comércios, assim como as suspensões de atividades escolares, causaria mais danos e mortes se comparados com os provocados pela a infecção do vírus. Então, para o governo, nem todas as vidas representam um valor político e a morte não tem relevo político e público, é apenas algo natural, mesmo em situações pandêmicas.

Não havia possibilidade, sobre uma volta à normalidade. Mesmo os meios de comunicações, falando de um possível “novo normal”, ao mesmo tempo, o aumento dos casos e o pico dos vírus demonstrava outra coisa. A possibilidade de uma volta normal, já não era algo real para alguns países, para o Brasil não iria ser diferente.

Em seu segundo pronunciamento, no dia 29 de março de 2020, indo totalmente na contramão do que foi recomendado pelo ministro, Luiz Henrique Mandetta, que exigia um isolamento social mais rígido, o presidente Bolsonaro, em uma coletiva disse que pretendia liberar um “decreto” para “liberar trabalho sem isolamento”⁵. Por parte do Ministério da Saúde brasileiro, as explicações públicas no começo da pandemia, explanadas diariamente pelo ministro, sublinhavam e reforçavam a necessidade do isolamento, com o propósito de impedir que os casos de infectados aumentassem.

Com esse embate, entre o seu posicionamento e o do ministro, no dia 16 de abril de 2020, o presidente Jair Bolsonaro exonerou do cargo o então ministro da saúde, Henrique Mandetta. No dia 17 de abril, o presidente anunciou o novo ministro, Nelson Teich. Um mês após sua contratação, o presidente também o exonerou. O ex ministro que também não se curvou às exigências do presidente, foi pressionado a disseminar o uso do medicamento Cloroquina (CQ) (sem eficácia) no combate à covid-19.

A preocupação não só dos ministros, como também de toda a população, foram a falta de um discurso, proferido pelo presidente em relação a saúde do país. A todo o momento, foi notório apenas suas declarações que defende a economia, a partir do fim do isolamento social.

Segundo Saraiva e Zago (2020), nas declarações do presidente, a vida e a saúde estão submetidas a economia e comércio. E a hierarquização entre a economia e a saúde. É nesse posicionamento que vemos claramente como os elementos políticos passam a ser regidos pela soberania biopolítica, justamente porque o neoliberalismo vai começar a estabelecer a racionalidade econômica como princípio de análise para todas as outras áreas do cotidiano tendo como forma experimental o controle da população.

⁵Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/29/bolsonaro-diz-estudar-decreto-para-liberar-trabalho-sem-isolamento.htm> acesso em: 14/05/2021

Conforme o Ex ministro, Nelson Teich, o presidente Jair Bolsonaro, atrapalhou o combate a covid-19 ao ter um discurso não alinhado ao do ministério. Em uma entrevista dado ao Jornal *O Globo*, o ex ministro falou que:

"Numa situação como essa, você tem que ter uma coordenação em linguagem única máxima. Toda vez que você tem um conflito de informações, de mensagem, de posicionamento, você confunde as pessoas. Não ter uma comunicação alinhada, forte, todo mundo mandando a mesma mensagem, dificulta o combate à pandemia, claramente" (TEICH, 2020, entrevista para o jornal *O Globo*)

São nesses cenários que se encontra a postura do presidente no decorrer da atual crise, nem mesmo a situação da crise pandêmica, o faz pensar sua colocação que sempre põe a economia acima dos interesses coletivos de toda uma população, ao qual acabara exonerando dois ministros da saúde com a ideia de fazer a economia girar, independente do que estaria acontecendo no país.

Os pronunciamentos continuaram ao longo de todo o ano de 2020. Trago agora o do dia 10 de novembro de 2020, em que presidente fez um discurso no evento sobre a retomada do turismo, em que o mesmo voltou a fazer críticas ao combate a pandemia do coronavírus no Brasil. Conforme figura 2:

[...]Tudo agora é pandemia. Tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento, todos nós vamos morrer um dia, todo mundo vai morrer. Não ainda fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas[...] (BOLSONARO, 2020, pronunciamento sobre a retomada do turismo, grifo meu).

O presidente (figura 2) voltou a criticar o isolamento, minimizar os efeitos da pandemia, e ainda disse que a mesma foi superdimensionada. Voltou aos insultos aos governadores e prefeitos, que eram a favor do isolamento. é preciso entender que, o presidente usou de uma linguagem repetitiva, uma estratégia para se esquivar de discussões serias.

Figura 2: Captura de tela de vídeo “Lançamento da retomada do turismo (10/11/2020).



Fonte: Youtube, 2020.

Em uma entrevista publicada no dia 19/05/2020, na *Philosophie Magazine*, traduzida pela n1-edições, o antropólogo, Eduardo Viveiros de Castro, fala sobre o descaso de Bolsonaro, para com a pandemia no Brasil. O autor manifesta em sua fala:

[...] e o que vemos? Um governo central que se volta contra toda a população – inclusive contra a minoria de fanáticos que o apoiam (nominalmente, cerca de 25% dos cidadãos) -, e que tenta forçar as pessoas a retornar ao trabalho, mediante informações falsas e medicamentos milagrosos [...] (CASTRO, 2020, entrevista publicada pela *Philosophie Magazine*, n1-edições).

Para Han (2019), o poder zela para uma comunicação mais fluida de maneira mais rápida em uma determinada direção. Ele controla a direção na medida que se faz superar a divergência possível entre o sujeito e poderoso. Um poder que não pode exercer função de influência, “não é poder”. Essa função deve ser fluida de maneira que todos a recebam, de forma breve e entendida, sobre determinada situação.

4.1 Cloroquina e Hidroxicloroquina

Não é de hoje que a população recorre a medicamentos sem eficácia para a prevenção de doenças. Na grande gripe de 1918, que se espalhou para os continentes, o uso de tratamentos não recomendados era recorrente. De acordo com Schwartz e Starling (2020), os cientistas ainda desconheciam a estrutura e a atuação do vírus, com isso o tratamento era feito à base de Ácido Acetilsalicílico (aspirina).

Todavia, a medicação acarretou em sérios efeitos colaterais, por conta das altas dosagens exorbitantes que eram administradas pelos médicos. Por conseguinte, houve-se outros meios de tratamentos para controlar o vírus. De acordo com as autoras:

Mas, na ausência de respostas fáceis, e definitivas, o jeito era tentar o que quer que fosse. Antitérmicos, analgésicos, antissépticos, sangrias e purgativos disputavam espaços de tratamento e profilaxia com vacinas, homeopatia, águas fluidificadas, rezas, passes, banhos quentes, xaropes milagrosos e tantas outras tentativas que buscavam estabelecer algum tipo de trégua com a enfermidade (SCHWARCZ e STARLING, 2020, p.44).

No Brasil tivemos o presidente Jair Bolsonaro que adotou a postura anticientífica, sobre possíveis tratamentos para o COVID-19. De acordo com Ortega e Orsini (2020), ele e os membros do seu governo, disseminaram falsas notícias sobre o coronavírus, há exemplo, o uso da Cloroquina e Hidroxicloroquina, como possível tratamento para o vírus. Nas palavras dos autores, foi para “promover a imunidade do rebanho em oposição ao distanciamento social”.

A cloroquina (CQ) ou até mesmo sua variante a Hidroxicloroquina (HCQ), são medicamentos usados para tratamentos como lúpus eritematoso sistêmico, artrite reumatoide, malária e etc. Esses mesmos medicamentos foram defendidos pelo presidente Bolsonaro, como uma solução milagrosa para o COVID-19, que

solucionaria de forma rápida a pandemia. Com essas declarações, o aumento excessivo de procuras pelos fármacos, cresceu consideravelmente em todo país⁶.

Ainda sendo medicamentos ineficazes para o tratamento da COVID-19 e com efeitos colaterais extremamente sérios, a Cloroquina (CQ) e a Hidroxicloroquina (HCQ), contribuem para essa lógica que opõe o cuidado da economia ao cuidado da vida, a lógica que afirma que o “Brasil não pode parar”. Isso porque, mesmo existindo um suposto tratamento eficaz, não haveria motivos para continuar mantendo a quarentena tão aconselhada por infectologistas e sanitaristas. (LIMA; OCHS; MONTEIRO; NOVOTNY, 2020).

A posição do governo Brasileiro acerca da cloroquina como tratamento eficaz para a covid-19, se manifesta como a negação em assumir o distanciamento social, ou seja, a crença em um medicamento para que assim a população voltasse a normalidade. Desta forma, se tem como principal a abertura dos comércios mais cedo, como forma de angariar apoio a suas posições. Assim, esquivando-se de mencionar o isolamento, e também as maneiras de prevenção, como o uso de máscaras de proteção facial, e o álcool gel, o uso da cloroquina tornou-se a esperança, nas declarações do Presidente.

O jogo vai muito além de medidas sanitárias para conter o vírus, mas sim, o perigo do que estão autorizados a falar e que elaboram discursos como verdades e constituem práticas que afetam as subjetividades dos sujeitos. Por isso, as declarações do presidente Jair Bolsonaro que minimizaram a pandemia da covid-19 colaboraram para uma política voltada a negação dos fatos e a anticiência, orientada por uma administração que presa apenas pela economia do país, em desfavor a saúde da população brasileira.

5 CONCLUSÃO

A crise sanitária provocada pela covid-19 conferível ao debate estabelecido pelos filósofos, sobre a perenidade das relações de poder, ao perceber que o presidente empreendeu escolhas que optam para o não isolamento, evidencia-se como uma biopolítica soberana, organizada a partir da possibilidade da morte de uma parcela da população pelo coronavírus, sobre o pretexto de uma racionalidade econômica. Como vimos, fica perceptível a política adotada pelo presidente Jair Bolsonaro, ao qual destaca-se pela naturalização, pela indiferença, e pela negação da situação da pandemia no Brasil, que, até a conclusão desse artigo já registram 450 mil mortes pelo covid-19, vírus esse que já se tem a vacina. Com uma narrativa que é capaz de criar determinadas realidades a partir da circulação de falsas notícias, o presidente busca fazer com que a convicção dessa realidade seja legitimada tal como suas práticas discursivas que a constroem.

Espera-se que este trabalho tenha colaborado para uma breve e melhor compreensão sobre o tema, e que venha a servir de apoio para os novos que venham a desenvolver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APPLEBAUM, Anne. **O Crepúsculo da Democracia: como o autoritarismo seduz e as amizades são desfeitas em nome da política**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021. p. 65.

⁶ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/05/20/venda-de-cloroquina-continua-a-crescer-nas-farmacias-brasileiras-em-abril> acesso em: 15/06/2021

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. 2ª. ed. Belo Horizonte. UFMG, 2007. P. 14.

_____. **Estado de exceção**. 2ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2004. (Estado de sitio).

BIRMAN, Joel. **O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas**. 1ª.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

BITTENCOURT, Silvia Cardoso; BRZOZOWSKI, Fabiola Stolf; CAPONI, Sandra; HELLMANN, Fernando. **O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo**. Revista Brasileira de Sociologia, Vol, 09 N, 21, Jan/Abr, 2021 p.78-102.

BOLSONARO, atrapalha combate á pandemia, diz ex ministro Nelson Teich. **Congresso em foco, UOL**, 26 dez, 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-atrapalha-combate-a-pandemia-diz-o-ex-ministro-nelson-teich/> acesso em: 17/05/2021.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O que está acontecendo no Brasil é um genocídio**. Tradução por Francisco Freitas. São Paulo. n1-edições. 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/104> acesso em: 17/05/2021

“E DAI? Lamento, quer que eu faça o quê?” **Carta Capital**, 28 de abril de 2020. Política. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortos/> acesso em 10/05/2021.

“EU NÃO SOU COVEIRO” **Uol**, 24 de abril de 2020. Política. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/20/eu-nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-sobre-numero-de-mortes-por-covid-19.htm> acesso em: 10/05/2021.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. 4ª. ed. São Paulo: Martins fontes, 2005. (Coleção tópicos).

_____. **A ordem do discurso: Aula inaugural do Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. 1ª. ed. Belo Horizonte. Âyiné, 2018.

_____. **O que é poder?** 1ª. reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>. Acesso em 29 de maio de 2021.

ORTEGA, Francisco; ORSINI, Michael. **Dissecando o autoritarismo relutante e capacitista frente ao coronavírus no Brasil**. São Paulo, n-1 edições. 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/64> acesso em: 25/05/2021

PLANALTO, Palácio do. Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020) YouTube. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE acesso em: 15/07/2021.

PLANALTO, Palácio do. Lançamento da retomada do turismo. YouTube. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYmx4UgJtU> acesso em: 15/07/2021.

TIBURI, Marcia. **Delírio do poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. 1ª. ed. Rio de Janeiro. Record, 2019.

“TODOS nós vamos morrer um dia” **CBN**, 30 de março de 2020. Política. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/296426/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-diz-bolsonaro-apos-p.htm> acesso em: 10/05/2021.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SAÚDE, Organização Mundial. **Um guia de orientação da OMS. WHO**. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/feature-stories/detail/a-guide-to-who-s-guidance> acesso em 25/05/2020

SARAIVA, Karla; ZAGO, Luiz Felipe. Economia, saúde e políticas do verdadeiro nas declarações de Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Âmbitos**. Espanha, v.21, n.54, p.124-139, março 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proporcionar perseverança durante todos esses anos em minha vida.

Agradeço a todos os meus familiares, em especial, a minha mãe Paula e meu padrasto Piero, que mesmo a 9.064km de distância, sempre me apoiaram no decorrer de todos esses anos de curso. Sou grata por todos os ensinamentos que me deram, pelos conselhos e puxões de orelhas, sei que foram para o meu bem. Apenas posso agradecer por tudo que vocês têm me dado, pois nunca conseguirei compensar devidamente a dedicação que sempre manifestaram. Grazie miei amori!

As pessoas com quem eu convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Aos meus amigos do uno, que estiveram comigo todos esses momentos. É um privilégio ter pessoas tão maravilhosas ao meu lado, que são ímpares em minha vida. Os cafés antes das aulas, as conversas aleatórias, as nossas festinhas e o principal, o apoio mútuo. Já não imagino uma vida na qual não teria conhecido vocês, ainda que a comunicação seja frequente. Eu provavelmente seja alguém que guarda com carinho alguns momentos, e tudo bem se isso soar sentimental demais. Para todas as tardes e noites acompanhadas de “estamos no espaço” e bom humor, por tudo que aprendi com cada um, meu muito obrigada! Acabei criando laços sim, e não vejo como poderia ter sido diferente – ainda bem.

A Ana, Aline, Gabriel e Ítalo, vocês são tão incríveis que as vezes até acho que não mereço amigos assim. Vocês são meus pontinhos de luz que vou sempre carregar comigo. Vocês me acolheram, me ajudaram, me ensinaram a ver o lado bom da vida. Espero um dia poder retribuir todo esse carinho que vocês me dão. Agradeço por tudo meus amores.

Aos meus professores e professoras que me enriqueceram com seus conhecimentos, obrigada. Saio da universidade cheia de gratidão e com o coração apertadinho de saudades, por todos os afetos que construímos ao longo desses anos! Até breve.

Ao meu orientador, Carlos Adriano, ao qual tenho um apreço, pela sua disponibilidade, em um momento tão delicado ter aceitado me orientar. Agradeço pela sua paciência, orientação, dedicação, pela partilha de conhecimentos e ensinamentos para a vida. Obrigada por se dedicar ao seu trabalho com tanto entusiasmo e verdade, existem pessoas que tornam nossa caminhada mais leve e significativa, e você é e foi uma delas.

Agradeço a minha banca examinadora, por fazerem parte desse momento, uma inspiração, pela disponibilidade em participar e pelas contribuições que enriquecem meu trabalho, muito obrigada.

E por fim, agradeço a mim mesma, por tudo o que já me aconteceu na vida até este momento, e por nunca ter desistido.